

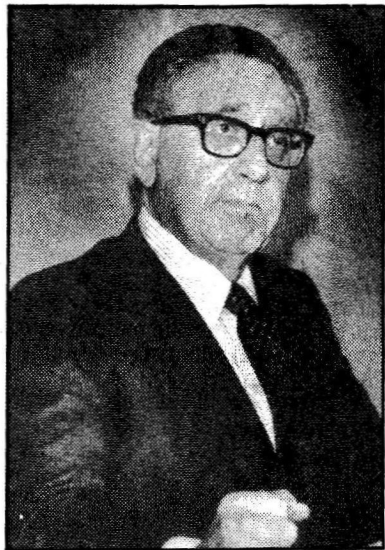
Kissinger aponta a moratória brasileira como sintoma de grave crise ocidental

WASHINGTON — A moratória brasileira, na opinião do ex-Secretário de Estado americano Henry Kissinger, "é sintoma de uma crise que conduz à paralisia política dos devedores, ao desastre financeiro dos credores e a uma confrontação permanente Norte-Sul".

Em artigo publicado na edição dominical do jornal "The Washington Post", Kissinger afirma que "o reconhecimento desta realidade deve ser o catalizador para que as democracias ocidentais se dediquem, em ação conjunta, a uma política de crescimento global".

Kissinger afirma em seu artigo que o hemisfério ocidental "necessita urgentemente de um esquema internacional que desempenhe um papel psicológico equivalente" ao Plano Marshall, desenvolvido pelos Estados Unidos em 1984 para a reconstrução da Europa e para evitar sua radicalização política.

"Só pode haver perdedores" em qualquer conflito entre os Estados Unidos e o Brasil, na opinião de Henry Kissinger, que adverte para o



Kissinger defendeu o crescimento

perigo de se deter o crescimento brasileiro: "sua crise interna piorará e forças políticas populistas, antimercado e anti-Estados Unidos se forta-

lecerão perigosamente, justo quando começa a se redigir uma Constituição democrática". Kissinger assinalou o papel de líder que o Brasil pode desempenhar na América Latina.

O ex-Secretário de Estado afirma que "algo anda mal em um sistema de manejo da crise que a cada ano produz uma confrontação com um país importante diferente sobre o mesmo conjunto de problemas essenciais". Essa parte do artigo foi considerada um reconhecimento de Kissinger ao fracasso do Plano Baker, lançado há um ano e meio.

Kissinger classificou de "grotesco" o fato de que desde 1983 os países devedores se tenham transformado em exportadores básicos de capitais e anotou que o crescimento dos países industrializados caiu 2,5 por cento dos três por cento necessários para estabilizar as economias dos países em desenvolvimento.

O atual sistema de manejo da dívida, na opinião de Kissinger, conduziu à criação de "um cartel de devedores de fato", uma vez que as

concessões "especiais" outorgadas a um devedor são reclamadas e recebidas pelos outros.

Depois de mencionar a queda em US\$ 15 bilhões da balança comercial dos EUA com a América Latina desde 1982, Kissinger considerou que uma "prudente política americana" seria manter aberta a opção de criar um "bloco comercial" ocidental "unido em parte por vínculos econômicos e políticos", embora seja insatisfatório para o livre comércio.

Henry Kissinger destacou como particularmente interessante o estabelecimento de um limite nos juros, de cerca de seis por cento, com a diferença entre essa cifra e as taxas do mercado pagas por um fundo criado pelos governos, instituições financeiras internacionais e bancos privados. Se as taxas de juros permanecerem baixas, então o fundo pode ser utilizado para estender novos empréstimos para acelerar o crescimento econômico. Enfim, considerou que a solução mais radical e orientada para o mercado seria reconhecer aos devedores o valor no mercado de suas dívidas.